

Ilhas de inquietação no mar da falta de qualidade

Qua-li-da-de não é um produto em alta no País, em qualquer campo de atuação, muito menos na área da educação. Mas, mesmo no circuito oficial de educação existem ilhas de inquietação em relação à qualidade de ensino. E uma destas ilhas é a Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal da Fundação Educacional, na 106 Sul, criada em agosto passado precisamente com o objetivo de atacar o problema da formação dos professores da rede de ensino do DF. O nível de formação dos professores baixou muito depois da radical mudança processada no País, de um sistema de ensino elitizado (mas de alguma qualidade) para um sistema de ensino democratizante (porém massificado).

A Escola de Aperfeiçoamento prevê um curso de 600 horas, divididas entre Metodologia Científica, Educação Brasileira e Proposta Pedagógica da Fundação Cultural. Hermenegildo Bastos, professor e poeta, coordenador da área de Humanas do curso, diz que um dos objetivos é combater a fragmentação do conhecimento propagado pela própria universidade, em sua especialização crescente: "Se sou um professor de matemática, não posso me descuidar da filosofia. Esta especialização, é na verdade, uma mera fragmentação do conhecimento".

Em sua experiência como professor de literatura, Hermenegildo constatou que esses anos todos de autoritarismo produziram um correspondente autoritarismo no professor: "Ao invés de permitir que a criança descubra o conhecimento, no sentido mais amplo possível, exige que ela reproduza o seu conhecimen-

to. Se não reproduzir este conhecimento leva tinta. O despreparo gera insegurança". Outra tarefa que Hermenegildo considera urgente é a da complementariedade entre arte e ciência: "A arte tem sido tratada como algo acessório, puramente sensorial ou decorativo, quando sabemos que arte é conhecimento, arte produz conhecimento. Estética vem de *aesthesis*, que quer dizer sensorial. A civilização sempre reprimiu o sensorial. E isto se repete a nível educacional".

TEORIAS

Na Escola de Aperfeiçoamento o professor estuda as teorias do conhecimento, com ênfase na teoria construtivista, onde a aprendizagem do aluno se processa a partir de sua realidade e das próprias experiências. No ensino de português, a escola procura fazer com que o professor domine os fundamentos da estrutura da língua. "Nós acreditamos que se o professor dominar a estrutura da língua terá mais condições de adequar uma metodologia às necessidades das crianças", explica Bernadete Castro coordenadora dos cursos de aperfeiçoamento para séries iniciais. O professor não creditará mais ao método o sucesso ou o fracasso da alfabetização. Vai perceber que o método da sala de aula é apenas uma entre muitas outras alternativas".

Outra preocupação da Escola é que a análise linguística, a leitura e a produção de textos andem juntas no processo de aprendizagem. A preparação dos professores tem, também, como um dos objetivos proporcionar às crianças "de renda" condições de ascensão ao chamado padrão de língua

socialmente aceito. "É preciso aprender a conviver com a realidade de cada aluno, respeitando o seu padrão linguístico e fazendo esta passagem para o padrão socialmente aceito, sem impor nada a ela. Quer dizer, tentando mostrar a ela que cada linguagem tem de estar adequada a uma situação. Nós val pode ser o código do grupo dele, mas não é o socialmente aceito", diz Bernadete.

A partir da constatação óbvia, se não fosse trágica em suas consequências cotidianas, da deficiência da formação dos professores, a Fundação Educacional estabeleceu como prioridade uma reformulação no "Curso Normal", passando pela mudança de currículos e pela adoção do regime de tempo integral para os alunos. Mas não se pode esperar resultados milagrosos a curto prazo.

A Escola Normal de Brasília, por exemplo, se expandiu de forma descontrolada: "Eu acredito que só daqui a uns sete anos — a escola tenha um controle qualitativo compatível com a exigência de um ensino de qualidade a um nível ideal, calcula o professor Aarão Paranaguá. "Isto não quer dizer que sejam impossíveis mudanças do ponto de vista pedagógico. Mas você não pode remediar todas as deficiências de conteúdo somente no segundo grau".

Como quase todo professor que faz dobradinha de empregos para sobreviver, Aarão conviveu, em algumas universidades particulares, com o nível dos futuros professores das próximas gerações — "É lastimável — constata. Eu dava uma disciplina teórica e as alunas simplesmente eram incapazes de entender um texto de Antonio Cândido".